



10 DE ABRIL DE 2015

Sexta-feira

- GOVERNO ANUNCIA MEDIDAS PARA ESTIMULAR INVESTIMENTOS
- VENDA DE MOTOS CRESCE EM MARÇO, MAS PREVISÃO É FECHAR O ANO EM QUEDA
- MAIS DE 800 METALÚRGICOS TÊM AFASTAMENTO PRORROGADO PELA GM
- AGÊNCIA DE CLASSIFICAÇÃO MANTÉM NOTA DO BRASIL, COM PERSPECTIVA NEGATIVA
- GE VÊ CRESCIMENTO NA AMÉRICA LATINA APESAR DE TURBULÊNCIA
- FAZENDA DIVULGA ESTUDO CRITICANDO DESONERAÇÃO DA FOLHA DE PAGAMENTO
- JUROS DO CARTÃO DE CRÉDITO ATINGEM 290,43% AO ANO
- SCANIA AMENIZA QUEDA DO MERCADO COM EXPORTAÇÕES
- BOSCH QUER DUPLICAR PRESENÇA NO AFTERMARKET
- HONDA CONCLUI CONSTRUÇÃO DE FÁBRICA EM ITIRAPINA
- DAYCO APOSTA SUAS FICHAS NO BRASIL COM A AUTOMECC
- EM 2014 LOCADORAS FATURARAM R\$ 14,7 BILHÕES
- GREVE NA CHERY DE JACAREÍ ENTRA NO QUINTO DIA
- FITCH AMEAÇA RETIRAR SELO DE 'BOM PAGADOR' DO BRASIL
- IGP-M ACELERA ALTA A 1,03% NA 1ª PRÉVIA DE ABRIL COM ATACADO
- MOTOR COM PEÇAS DE PLÁSTICO PODE AMEAÇAR MERCADO DE ALUMÍNIO
- PRODUÇÃO DE MOTOS CAI 12,6% NO 1.º TRI E MUDA PROJEÇÕES PARA 2015
- CRISE HÍDRICA AFETA INDÚSTRIAS EM MINAS
- ARCELORMITTAL VAI INVESTIR US\$ 20 MILHÕES EM CENTRO DE P&D
- TAXA DE DESEMPREGO FICA EM 7,4% NO TRIMESTRE ENCERRADO EM FEVEREIRO
- BOVESPA OPERA EM ALTA NO FIM DA SEMANA
- INFLAÇÃO CORRÓI GANHOS DA POUPANÇA; VEJA DICAS PARA PROTEGER SEU DINHEIRO
- RECEITA DA VALE COM EXPORTAÇÃO CAI 50%

- APENAS 20% DAS MICROS E PEQUENAS EMPRESAS ELEVARAM FATURAMENTO
- EMPRESÁRIOS ESTÃO INSATISFEITOS COM MUDANÇAS EM VIGOR DO SUPERSIMPLES
- MERCADO VÊ FUTURO INCERTO PARA A USIMINAS
- CSN PROPÕE INCORPORAÇÃO DE UNIDADE CIMENTOS PARA CORTAR CUSTOS
- PREÇO CAI, PIORA ESTIMATIVAS E VALE PREOCUPA MERCADO
- QUANTO CUSTA O GÁS NATURAL NO BRASIL?
- DÓLAR ABRE EM ALTA COM INVESTIDOR ATENTO À REFORMA DO ICMS
- CHINA CORTARÁ IMPOSTO SOBRE MINÉRIO DE FERRO EM NOVO GOLPE PARA PREÇOS JÁ FRACOS
- BRASIL CAI PARA 6º LUGAR NO RANKING DE VENDAS DE VEÍCULOS
- CSN TENTA DESTRAVAR A TRANSNORDESTINA
- CONSUMO DE AÇO NO PAÍS DEVE VOLTAR AO PATAMAR DE 2007
- TECNOLOGIA PROCESSA MINÉRIO DE FERRO POBRE COM POUCA ÁGUA

CÂMBIO EM 10/04/2015		
	Compra	Venda
Dólar	3,080	3,081
Euro	3,264	3,265

Fonte: BACEN

Governo anuncia medidas para estimular investimentos

10/04/2015 - Fonte: Agência Brasil

O momento de maior expansão do BNDES com recursos do Tesouro se esgotou, disse hoje o ministro da Fazenda, Joaquim Levy. Apesar disso, o ministro anunciou, na capital paulista, uma agenda de estímulos para o financiamento de obras de infraestrutura por meio do mercado de capitais.

“Estamos em um momento de ajuste, mas temos que olhar para a frente e criar condições para a retomada de investimento e do crescimento para o Brasil continuar no caminho de melhoria e de expansão, que todos nós temos confiança que é o caminho não só que desejamos, mas é o caminho que nós vamos seguir”, disse Levy.

Uma das medidas anunciadas hoje é a redução do custo do crédito, por parte do BNDES, para empresas que emitam títulos de dívidas vinculadas aos projetos financiados pelo

banco. O governo estima que o custo do crédito para as empresas participantes possa cair entre um e dois pontos percentuais ao ano.

“Há uma forte demanda reprimida por investimento em infraestrutura no Brasil, nós estamos trabalhando para transformar essa demanda em projetos e investimentos concretos”, disse o ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão, Nelson Barbosa.

Barbosa acrescentou que o governo deve aumentar o programa de concessão, sobretudo nas áreas de ferrovias e rodovias, mas que os detalhes serão anunciados oportunamente.

Venda de motos cresce em março, mas previsão é fechar o ano em queda

10/04/2015 - Fonte: Agência Brasil

A produção e a venda de motocicletas cresceram 14,9% em março deste ano, em relação a fevereiro. Na comparação com março do ano passado, houve alta de 1,6% e, no trimestre, queda de 12,6% sobre o ano anterior.

A indústria deve fechar o ano com queda na produção em relação ao ano passado, diz levantamento divulgado hoje (9) pela Associação Brasileira dos Fabricantes de Motocicletas, Ciclomotores, Motonetas, Bicicletas e Similares (Abraciclo).

De acordo com a Abraciclo, a indústria de motocicletas projeta produção de 1,41 milhão de unidades para este ano, o que representa queda de 6,8% em relação ao volume total de 2014.

A perspectiva da associação é que “as vendas no atacado e varejo atinjam de 1,360 milhão a 1,365 milhão de unidades, ficando, respectivamente, 4,9% e 4,5% abaixo do concretizado no ano passado”.

“Foi necessário reajustar nossas expectativas para 2015, diante dos resultados do primeiro trimestre, do cenário de contenção e rigidez na economia brasileira.

O momento ainda é de incerteza, estamos na expectativa da assertividade das políticas adotadas pelo governo e de que possamos experimentar novo ciclo de crescimento no nosso país”, disse, em nota, o presidente da Abraciclo, Marcos Fermanian.

As vendas no atacado, feitas para as concessionárias, aumentaram 20,6% em relação ao mês anterior e 3% sobre março de 2014. Já as exportações registraram recuo de 32,3% em março, se comparado ao mês passado. Na comparação ao mesmo mês de 2014, houve uma retração de 80,6%.

Ainda em março, com base nos licenciamentos registrados, foram emplacadas 32,7% mais motocicletas do que em fevereiro. Em relação a março de 2014, houve alta de 11%.

O levantamento reuniu ainda dados do trimestre. Nos primeiros três meses do ano, foram fabricadas 12,6% a menos motocicletas do que o total registrado no mesmo período de 2014. As vendas no atacado caíram 6,9%, na comparação trimestral.

Na exportação, houve recuo de 76,1% de janeiro a março deste ano, ante o mesmo período do ano passado. Houve ainda queda de 10,5% nas motocicletas emplacadas, em relação a 2014.

Mais de 800 metalúrgicos têm afastamento prorrogado pela GM

10/04/2015 - Fonte: Agência Brasil

A suspensão temporária do contrato de trabalho (*layoff*) de 819 metalúrgicos da General Motors (GM), que vence hoje (9), foi prorrogada até 9 de julho, informou a empresa. Os trabalhadores estão afastados desde outubro do ano passado.

Segundo o Sindicato dos Metalúrgicos de São Caetano do Sul, após o prazo limite, os funcionários poderiam ser reinseridos na empresa ou demitidos. A esperança do sindicato é que, após os três meses de prorrogação, a economia volte a crescer. E os trabalhadores sejam relocados em seus cargos.

Enquanto estão afastados, informou o sindicato, os metalúrgicos recebem salário integral, pago em parte pela GM e em parte pelo governo federal, por meio do seguro-desemprego.

De acordo com o sindicato, 105 metalúrgicos que também tinham sido afastados em outubro, retornaram há dez dias.

Em nota, a GM informa que a prorrogação da suspensão temporária dos contratos de trabalho "tem como objetivo ajustar a produção à atual demanda do mercado".

Agência de classificação mantém nota do Brasil, com perspectiva negativa

10/04/2015 - Fonte: Agência Brasil

A agência de classificação de risco Fitch manteve a nota de crédito do Brasil em BBB, mas revisou a perspectiva do país de estável para negativa.

Segundo comunicado divulgado hoje (9) pela Fitch, a mudança ocorreu por causa do "contínuo fraco desempenho da economia brasileira, do aumento dos desequilíbrios macroeconômicos, da deterioração fiscal e de um aumento da dívida pública com pressão sobre o perfil de crédito soberano do país".

A nota (*rating*) é a classificação dada a empresas públicas ou privadas por essas instituições especializadas em análise de crédito. Essas agências avaliam a capacidade e a disposição do emissor de um título em honrar, pontual e integralmente, os pagamentos de sua dívida. O *rating* é um indicador relevante para os investidores, uma vez que fornece sinalização a respeito do risco de crédito da dívida de uma empresa ou país analisado.

Para a Fitch, enquanto o governo iniciou um processo de ajustes para aumentar a credibilidade e a confiança, riscos negativos relacionados com a aplicação e durabilidade persistem, "especialmente no contexto de um ambiente político e econômico desafiador". E acrescenta: "Choques internos e externos adicionais poderiam minar o ritmo e o alcance do processo de ajuste".

Na avaliação da Fitch, entre outros motivos, as contas fiscais do Brasil se deterioraram acentuadamente em relação ao ano passado, com o déficit atingindo 6,5% do Produto Interno Bruto (PIB, soma de todos os bens e serviços produzidos no país), sendo este "o primeiro déficit primário em vários anos."

E observa: "A relação da dívida com o PIB aumentou para 58,9% em 2014, em comparação com a média de 52,8% durante o período 2010-2013."

Os técnicos, entre outras avaliações, levaram em conta o crescimento da economia brasileira de apenas 0,1% em 2014. Segundo a Fitch, o processo de ajuste em curso, se efetivamente implementado, poderia levar a uma retomada da confiança e do crescimento em 2016, mas o crescimento provavelmente permanecerá baixo.

O Ministério da Fazenda não se manifestou sobre o comunicado da Fitch.

GE vê crescimento na América Latina apesar de turbulência

10/04/2015 - Fonte: Reuters

A General Electric projeta crescimentos de um dígito alto em suas receitas na América Latina em 2015 apesar das dificuldades em mercados relevantes como Brasil e Venezuela, disse o presidente-executivo da empresa para a região na quinta-feira.

"Provavelmente teremos crescimentos de um dígito neste ano no Brasil, o que é uma boa performance considerando que esse provavelmente será um ano difícil", disse Reinaldo Garcia à Reuters durante um evento de negócios na América Latina.

As receitas da GE na América Latina cresceram 7 por cento em 2014, com a companhia praticamente dobrando seus negócios na região em relação a quatro anos antes.

A GE também dobrou o tamanho de suas operações brasileiras nos últimos quatro anos. Na Venezuela, onde a GE atua no setor petrolífero e de geração de energia, o negócio deve permanecer estável em 2015 após receitas de cerca de 600 milhões de dólares em 2014.

Diversos participantes do evento comentaram sobre a falta de infraestrutura da América Latina, o que representa uma oportunidade para a GE e é um motivo pelo qual Garcia mantém uma perspectiva positiva para a região.

Fazenda divulga estudo criticando desoneração da folha de pagamento

10/04/2015 - Fonte: Reuters

A desoneração da folha de pagamento nos moldes adotados no primeiro mandato da presidente Dilma Rousseff tem um custo para os cofres públicos equivalente a 0,5 por cento do Produto Interno Bruto, mostrou estudo divulgado pelo Ministério da Fazenda nesta quinta-feira.

O documento classifica a desoneração da Contribuição Previdenciária da folha de pagamento das empresas como uma política de baixa eficiência e que, se não for alterada, acarretará neste ano renúncia tributária de 25,2 bilhões de reais.

"Considerando o custo da dívida pública, a renúncia tributária mostra-se excessivamente onerosa, alcançando 0,5 por cento do PIB (como comparação, a meta de superávit primário para 2015 é de 1,2% do PIB)", disse o documento elaborado pela Secretaria de Política Econômica do Ministério da Fazenda.

A desoneração da folha foi adotada em 2011 para reduzir custos com a mão de obra e estimular a economia, e ano a ano foi sendo ampliada para mais setores da economia, apesar de não ter gerado os resultados esperados.

Cada emprego preservado ou criado pela medida custou aos cofres públicos entre 58 mil e 67 mil reais ao ano, ou 300 por cento a mais do que o salário relativo a esses empregos, segundo o estudo.

"Posto de outra forma, os recursos despendidos pela política seriam suficientes para pagar os salários de todos os trabalhadores cujos empregos foram gerados/preservados pela desoneração, e ainda sobriam amplos recursos para serem alocados para outros fins", reforçou o documento.

O ministro da Fazenda, Joaquim Levy, já criticou abertamente o modelo de desoneração adotado, classificando o benefício de "uma brincadeira" que custou caro ao país.

No fim de fevereiro, o Ministério da Fazenda propôs a revisão da desoneração por meio de medida provisória enviada ao Congresso Nacional. A MP, contudo, foi devolvida pelo presidente do Senado Federal, Renan Calheiros (PMDB-AL), e o governo teve que reapresentar a medida na forma de projeto de lei.

Juros do cartão de crédito atingem 290,43% ao ano

10/04/2015 - Fonte: Jornal do Brasil

A taxa média dos juros do cartão de crédito atingiu 290,43% ao ano, segundo pesquisa divulgada hoje (9) pela Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac).

O percentual reflete o aumento das taxas, que, em fevereiro, eram 11,67% ao mês e subiram para 12,02% em março. Em fevereiro, a taxa média do cartão de crédito era 276,04% ao ano.

Os juros do cartão de crédito acompanharam as outras cinco modalidades pesquisadas pela associação. Elas também tiveram aumento de fevereiro para março.

A taxa média para pessoa física subiu 0,11 ponto percentual, alcançando 6,6% ao mês (115,32% ao ano). Para pessoa jurídica, a taxa média subiu 0,16 ponto percentual, chegando a 3,73% ao mês em março (55,19% ao ano).

A Anefac atribui a alta dos juros ao cenário econômico adverso desde 2014, que aumenta a projeção de inadimplência a partir do crescimento da inflação e desemprego.

"As expectativas para 2015 são igualmente negativas, o que leva as instituições financeiras a aumentarem suas taxas de juros para compensar prováveis perdas com a elevação da inadimplência", ressaltou o diretor executivo de Estudos e Pesquisas Econômicas da Anefac, Miguel José Ribeiro de Oliveira.

Scania ameniza queda do mercado com exportações

10/04/2015 - Fonte: Automotive Business

Assim como outras fabricantes de caminhões, a Scania busca meios de manter ritmo saudável em sua planta brasileira, mesmo diante da forte contração das vendas, que diminuíram 36,6% no primeiro trimestre de 2015.

"Temos vantagem em relação às outras empresas: podemos exportar mais", destaca Per Olov Svedlund, presidente da companhia para a América Latina. Segundo ele, diante da queda dos negócios no mercado nacional, a fabricante de caminhões e ônibus reajustou sua produção global para deixar sob responsabilidade do Brasil participação maior nas vendas a outros países.

Atualmente a companhia exporta em torno de 50% do que é feito na planta de São Bernardo do Campo (SP). Este índice já ficou entre 15% e 20% no passado, de 2011 a

2012, quando o mercado brasileiro de caminhões passava por forte crescimento e o câmbio tornou-se desfavorável às exportações. Hoje, a atual retração das vendas por si só já faz com que os negócios internacionais ganhem importância.

Como medida para garantir o nível de atividade à operação brasileira, a matriz europeia cedeu espaço em outros mercados para que o Brasil exporte mais. "A demanda está aquecida na Europa, então eles podem manter a produção mais concentrada para atender a região", explica Svedlund. Enquanto isso, a operação nacional passou a atender países da África e do Oriente Médio.

Além de veículos, as vendas externas da Scania incluem componentes e motores feitos na fábrica do ABC paulista. O presidente da montadora lembra que só é possível compensar a queda das vendas no Brasil com exportações porque a marca tem linha de produtos globalizada. "O mesmo caminhão que é feito aqui é fabricado também em outros países."

Com certo patamar de produção garantido em São Bernardo, a Scania ainda não anunciou medidas mais severas para adequar o ritmo da fábrica à demanda do mercado. Por enquanto a empresa vem trabalhando com seu sistema de produção flexível, concedendo folgas para acomodar os volumes.

Svedlund prefere não cravar um número para a projeção deste ano, mas admite que o cenário é adverso. "Está difícil e acho que vai demorar para recuperar", analisa.

Os dados do Renavam divulgados pela Fenabreve mostram que a companhia foi bastante afetada pela contração do mercado, com redução de 63,6% nos negócios no primeiro trimestre deste ano na comparação com igual período de 2014. Sob efeito da redução mais forte na demanda por caminhões pesados, segmento em que atua, a Scania vendeu apenas 1,2 mil unidades de janeiro a março de 2015.

Bosch quer duplicar presença no aftermarket

10/04/2015 - Fonte: Automotive Business

A Bosch tem metas ambiciosas para sua divisão voltada ao aftermarket. A companhia pretende duplicar sua presença no Brasil. O plano é dobrar a rede atual de 5 mil para 10 mil oficinas nos próximos seis anos. A estratégia foi revelada durante a Automec 2015, feira voltada à reposição automotiva que acontece até 11 de abril em São Paulo.

Se o número se concretizar, cerca de 25% de toda a rede independente de reparação de veículos do Brasil será credenciada pela fabricante de autopeças e componentes. A informação é de Delfim Calixo, vice-presidente de aftermarket da companhia para a América Latina.

"A nossa estratégia de crescimento está apoiada em três pilares centrais. Já estamos olhando para 2020", enfatiza o executivo ao citar o programa de expansão, o investimento para alcançar excelência em logística e a busca por atuação em novos segmentos. Apesar de visar o desenvolvimento da companhia no médio prazo, o plano já rendeu bons resultados para a Bosch, que concentra no aftermarket entre 15% e 20% dos negócios da divisão automotiva.

A empresa não divulga dados internos, mas aponta que em 2014 houve aumento de cerca de 6% nas vendas de seus distribuidores para o mercado. O crescimento aconteceu mesmo diante da contração da ordem de 3% do aftermarket, conforme indicam dados do Sindipeças citados por Calixo.

“Ampliar os negócios em momento de queda do mercado significa que ganhamos market share”, comemora. O executivo, no entanto, não tem um dado preciso do ganho de participação, já que o portfólio da empresa tem mais de 16 linhas de produtos, cada uma delas com uma performance específica.

Calixto avalia que o bom resultado do ano passado garantiu à companhia uma base firme para o início de 2015. “Não começamos o ano com os estoques elevados”, enfatiza. Com isso, a Bosch anotou expansão de 7% nas vendas de seus distribuidores ao aftermarket.

O resultado ganha ainda mais peso diante do cenário de contração das vendas de veículos novos e, conseqüentemente, de autopeças originais. Calixto projeta que, mesmo que a expansão não seja tão robusta, a Bosch tende a fechar 2015 com crescimento de cerca de 5%.

O resultado não deve ser alcançado sem esforço. “Com o mercado de componentes originais contraído, é claro que as fabricantes de autopeças olham com mais cuidado para a área de reposição e aumenta a pressão por redução dos preços, mas buscamos sempre manter de forma justa”, enfatiza o vice-presidente.

Honda conclui construção de fábrica em Itirapina

10/04/2015 - Fonte: Automotive Business

A Honda anunciou a conclusão das obras de construção civil de sua nova fábrica em Itirapina (SP), onde produzirá o Fit. O vice-presidente da empresa no Brasil, Eigi Miyakuchi, recebeu na quinta-feira, 9, uma chave da construtora que simboliza a entrega dos prédios, a quase 200 quilômetros da capital paulista e a 100 quilômetros da unidade da montadora em Sumaré.

“Já se passaram 16 meses de muito trabalho e dedicação das equipes da Honda, da construtora Toda e de todos os demais fornecedores e parceiros envolvidos nessa empreitada. A fábrica de Itirapina representa o nosso compromisso de longo prazo com o Brasil e, por isso, é uma grande alegria constatar a conclusão de mais um grande passo para a realização desse sonho”, afirmou em nota o executivo.

A unidade está recebendo investimento de R\$ 1 bilhão, aplicado desde a aquisição do terreno de 5,8 milhões de metros quadrados, passando por obras civis e a compra de equipamentos.

Desenhada para seguir o modelo de estruturação da mais moderna fábrica de automóveis da Honda no Japão, a nova unidade segue agora para a instalação de todas as máquinas e equipamentos para dar início aos testes de produção no segundo semestre e sua inauguração está prevista para o fim deste ano.

Com a nova fábrica, que empregará cerca de 2 mil funcionários para a montagem do Fit, a Honda dobrará sua capacidade de produção no Brasil, passando de 120 mil para 240 mil unidades por ano. A empresa prevê também acelerar o desenvolvimento local de veículos para reforçar seu portfólio no mercado brasileiro.



Vista aérea da nova fábrica da Honda em Itirapina (SP)

Dayco aposta suas fichas no Brasil com a Automec

10/04/2015 - Fonte: Automotive Business

Durante a Automec, o diretor comercial da Dayco, Silvio Almeida, analisou o cenário atual do mercado: "Vivemos uma situação de profundo pessimismo na economia; já enfrentamos momentos parecidos na América do Sul e avalio que esta 'crise' é muito mais emocional do que uma crise de fato", afirmou, acrescentando que a empresa ganha fôlego de otimismo com novos planejamentos estratégicos a partir de seu novo líder na região, João Ramon, nomeado em novembro do ano passado.

Almeida conta que para sustentar seu atendimento ao cliente, a empresa está expandindo o time de representantes com a contratação de 22 profissionais da área de vendas para atuarem localmente nas cinco regiões do País.

Além disso, a Dayco anuncia sua entrada em novos nichos do mercado de reposição, com o lançamento de cilindros e atuadores hidráulicos para a linha de veículos leves, além de dumpers também para o aftermarket, produto que até agora a companhia fornecia apenas para o OEM. Além de dampers, a empresa é tradicional fornecedora de correias e tensionadores.

"A Dayco investe neste mercado porque acredita no Brasil e em todo o seu potencial, bem como no da América do Sul. Aqui é o único País em que atuamos com a linha leve, o que nos traz grandes oportunidades.

Por outro lado, no ano passado, esperávamos ter problemas na região, por exemplo, com a Argentina, mas nos surpreendemos: tivemos crescimento de 22% no faturamento naquele mercado. No Brasil, também podemos ter uma surpresa, mesmo com a crise inflacionária. Estamos trabalhando para aproveitar as oportunidades deste mercado.

"O executivo informa que apesar da baixa no faturamento no Brasil em 2014, as exportações para os mercados da Colômbia, Equador e Argentina compensaram parte da queda e ressalta que a companhia conquistou novos projetos de fornecimento OEM no ano passado, como Volkswagen Up!, o novo motor da Ford que substituirá o Sigma, além de fornecimento para o próprio Sigma.

Para 2015, a Dayco projeta crescimento mínimo de 9,8% no Brasil, considerando apenas o aftermarket e cerca de 30% da alta na América do Sul. A Nytron, empresa que a Dayco mantém sob sua alçada há dois anos, também viu os negócios avançarem 16% no ano passado e para 2015, a companhia prevê aumento de 9% a 10% do faturamento.

Em 2014 locadoras faturaram R\$ 14,7 bilhões

10/04/2015 - Fonte: Automotive Business

A Abla, Associação Brasileira das Locadoras de Automóveis, apresentou os resultados de 2014 para o setor na quinta-feira, 9, em São Paulo. Segundo a entidade, no ano passado o setor mais do que dobrou o faturamento, indo para R\$ 14,72 bilhões ante os R\$ 6,52 bilhões de 2013. A frota atual em circulação no setor é de 733 mil veículos em operação, sendo que 60% são carros 1.0.

Segundo o diretor de relações institucionais da Abla, Paulo Gaba Jr., os novos métodos de aferição agora contam com dados de diversas entidades e são mais precisos. "Com o resultado mais realista, posso dizer que temos 25,9 milhões de usuários no País", analisou o executivo. Segundo dados da entidade, 60% dos carros alugados no Brasil são classificados como econômicos e o Gol, da Volkswagen, foi o mais procurado pelos frotistas.

Gaba também fez um apelo às montadoras: "A idade média da nossa frota hoje é de 18 meses. Só com ajuda dos fabricantes é que conseguiremos retornar aos 13 do melhor mês de 2014", disse, solicitando maior parceria entre montadoras, bancos e locadoras. O diretor, lembrando o acordo entre Ford e Localiza para oferecer o novo Ka para locação, questionou o fato de poucos lançamentos serem ofertados para locação.

A entidade projeta que para 2015 as compras de frotas para locadoras representem 20% de todos os veículos emplacados, ante os 12,45% de 2014, que registrou a compra de um carro a cada dois minutos. A Fiat continua com a maior parcela de vendas no setor, de 19%, seguida de Volkswagen e GM, com 16,23% e 8,38%, respectivamente.

Para Jorge Pontual, diretor comercial da Abla e responsável pelas parcerias comerciais da entidade, a crise que afeta as montadoras chega também às locadoras. "Com a volta de impostos e a queda nas vendas, o preço final sobe", relatou o executivo, que aposta na terceirização cada vez maior das frotas de empresas.

"Com a crise, todos tendem a focar no core business principal e terceirizam áreas como a de frotas, assumida pelas locadoras", confirmou. Para o presidente da associação, Paulo Nemer, "não dá para dizer que o setor foi mal, apesar de a crise também chegar em nós".

Greve na Chery de Jacareí entra no quinto dia

10/04/2015 - Fonte: Automotive Business

A fábrica da Chery de Jacareí (SP) entra na sexta-feira, 10, em seu quinto dia de greve. Os metalúrgicos cruzaram os braços na segunda-feira para pleitear da empresa a assinatura da convenção do setor automotivo.

Na quinta-feira à tarde haveria uma reunião em São Paulo (SP) entre a montadora e o sindicato dos metalúrgicos da região de Jacareí, marcada pela Superintendência Regional do Trabalho e Emprego do Estado de São Paulo (SRTE). A Chery, no entanto, não compareceu, alegando ter recebido o comunicado sobre o encontro somente na manhã do dia 9.

Uma nova reunião foi marcada para as 11 horas de segunda-feira, 13. "Os trabalhadores continuarão parados até que a empresa volte a negociar e apresente uma proposta decente para a categoria", afirma o presidente do sindicato, Antônio Ferreira de Barros. Por seu lado, a Chery alega "estudar a apresentação de uma nova proposta para fechar o acordo coletivo". A montadora afirma ter dificuldade para atender às exigências do

sindicato, que se mostra "intransigente e pleiteia salários e benefícios similares aos de montadoras estabelecidas há quase um século no país". Recentemente, o Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e Região comparou o salário inicial de um montador da General Motors (R\$ 3,5 mil) ao da Chery (R\$ 1.199).

Fitch ameaça retirar selo de 'bom pagador' do Brasil

10/04/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

O desempenho econômico abaixo do esperado e a dificuldade do governo em implementar as reformas necessárias no país fizeram com que a agência de classificação de risco Fitch sinalizasse nesta quinta-feira (9) que pode rebaixar a nota do Brasil.

Hoje, o país é classificado pela agência como grau de investimento – uma espécie de selo de "bom pagador", que indica que o país é um local seguro para investir. A Fitch, no entanto, mudou a perspectiva da nota atribuída ao Brasil (BBB) de estável para negativa, o que significa que pode haver rebaixamento do rating caso as condições econômicas não melhorem.

Uma nova decisão sobre a nota do país deve acontecer em um período de 12 a 18 meses. "A performance econômica do Brasil deixa a desejar quando comparada a de outros países com a mesma nota", afirmou Shelly Shetty, diretora sênior de ratings soberanos da Fitch, à reportagem.

A agência aponta que o crescimento médio do país nos últimos três anos foi de 1,5%, comparado com a mediana de 3,2% de outros países que têm a mesma classificação de risco. E a previsão, neste ano, é que haja contração de 1% no PIB brasileiro.

O ministro da Fazenda, Joaquim Levy, afirmou que o governo está preparado para tomar as medidas necessárias para evitar um rebaixamento na nota do país. "Vamos cumprir o que a gente tem que fazer. Temos de criar condições para retomar e crescer."

IGP-M acelera alta a 1,03% na 1ª prévia de abril com atacado

10/04/2015 - Fonte: Reuters

O Índice Geral de Preços-Mercado (IGP-M) subiu 1,03 por cento na primeira prévia de abril, após avançar 0,74 por cento no mesmo período de março, com a aceleração da alta no atacado compensando a desaceleração no varejo.

A Fundação Getúlio Vargas (FGV) informou nesta sexta-feira que o Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) --que mede a variação dos preços no atacado e responde por 60 por cento do índice geral-- registrou alta de 1,28 por cento na primeira prévia de abril, contra alta de 0,79 por cento no mês anterior.

Somente os produtos industriais tiveram no período avanço de 1,28 por cento, contra alta de 0,35 por cento na primeira prévia de março.

Já o Índice de Preços ao Consumidor, com peso de 30 por cento no IGP-M, avançou 0,53 por cento na primeira prévia deste mês, após subir 0,88 por cento no mesmo período de março.

A FGV também informou que o Índice Nacional de Custo da Construção (INCC) subiu 0,69 por cento na primeira prévia de abril, após alta de 0,20 por cento na primeira prévia de março.

O IGP-M é utilizado como referência para a correção de valores de contratos, como os de energia elétrica e aluguel de imóveis.

Motor com peças de plástico pode ameaçar mercado de alumínio

10/04/2015 - Fonte: Notícias da Mineração

Os esforços para produzir veículos mais leves incluem partes do motor, como os blocos do cilindro, que podem ter seu peso reduzido em até 20% se forem feitos de plástico reforçado com fibra em vez de alumínio. Um motor experimental com partes de plástico foi desenvolvido pelo grupo de pesquisa alemão Fraunhofer em parceria com a SBHPP, uma fabricante de plásticos de alto desempenho que pertence à japonesa Sumitomo.

O projeto foi preparado pela divisão de novos sistemas de direção (NAS, na sigla em inglês) do instituto de tecnologia química (ICT, na sigla em inglês) do Fraunhofer.

Os carros precisam ficar cada vez mais leves para diminuir o consumo de combustível. Para a maioria das montadoras, isso significa deixar as peças automotivas mais leves, mas o sistema de motorização, incluindo o próprio motor, responde por uma grande proporção do peso total do veículo.

Até o momento, fabricantes tem apostado no alumínio para diminuir o peso dos componentes do motor, como o bloco de cilindro. No futuro, as montadoras poderão reduzir o peso dos carros projetando blocos do cilindro que sejam, em certas partes, feitos de plástico reforçado com fibra.

“Nós usamos um material reforçado com fibras para construir um bloco de cilindro para um motor de experimento que tem apenas um cilindro. O bloco de cilindro pesa cerca de 20% a menos que o componente equivalente feito de alumínio e tem o mesmo custo”, disse Lars Frederik Berg, líder do projeto e gerente da área de pesquisa de Lightweight Powertrain Design do Fraunhofer.

Apesar de parecer uma alternativa para as montadoras, existem muitos obstáculos para que sejam usados blocos do cilindro do motor feitos de plástico. Isso porque os materiais usados têm que resistir a temperaturas extremas, alta pressão e vibrações sem sofrer danos.

Esse tipo de plástico que aguenta essas condições foi reconhecido nos anos 1980, no entanto, naquela época, era possível produzir apenas esse tipo de peças em pequenas quantidades e necessitava muito investimento e esforço.

“Primeiro analisamos o design do motor e identificamos as áreas sujeitas a altas temperaturas e impactos mecânicos. Então, usamos pastilhas de metal para aumentar a resistência ao desgaste”, disse Berg.

Um exemplo é o revestimento do cilindro, dentro de onde o pistão se movimenta durante milhões de vezes ao longo da vida útil do veículo. Os pesquisadores também modificaram a geometria dessas peças do motor para garantir que o plástico seja minimamente exposto a altas temperaturas.

As características do material plástico também têm um papel importante, porque precisam ser duras e rígidas e resistente a óleo, gasolina e glicol na água resfriada. O plástico também precisa demonstrar boa aderência às pastilhas de metal e não pode ter um coeficiente de expansão mais quente que o do metal.

A equipe de Berg usa um composto fenólico reforçado com vidro, que foi desenvolvido

pela SBHPP, que cumpre com todos os requerimentos necessários e possui 55% de fibra e 45% de resina. Outra opção mais leve é utilizar um composto reforçado com carbono.

O protótipo do motor com peças de plástico será apresentado no evento Hannover Messe, realizado neste mês. Os testes realizados no novo motor foram concluídos com sucesso. "Nós provamos que é possível ter o mesmo desempenho que os motores construídos de forma convencional", disse Berg.

Os pesquisadores pretendem continuar com o trabalho para desenvolver um motor multicilíndrico feito de aço, incluindo os mancais do virabrequim. As informações são do website instituto Fraunhofer.

Produção de motos cai 12,6% no 1.º tri e muda projeções para 2015

10/04/2015 - Fonte: Gazeta do Povo

A produção de motocicletas atingiu 360.167 unidades no primeiro trimestre de 2015, queda de 12,6% sobre as 412.173 unidades de igual período de 2014, informou nesta quinta-feira (9) a Abraciclo, a associação que representa o setor.

As vendas no atacado recuaram 6,9%, com 343.804 motos comercializadas entre janeiro e março de 2015. Já a comercialização no varejo, de 326.920 unidades no primeiro trimestre de 2015, foi 10,5% inferior ao volume obtido no mesmo período do ano passado.

A Abraciclo revisou para baixo a estimativa de produção do setor em 2015. A previsão é de uma queda de 6,8% na fabricação. Já as vendas devem recuar 4,9% no atacado e 4,5% no varejo.

Crise hídrica afeta indústrias em Minas

10/04/2015 - Fonte: Reuters

Três importantes porções hidrográficas da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) - Rio Manso, Vargem das Flores e Serra Azul -, que fazem parte do Sistema Paraopeba, tiveram o estado de escassez hídrica declarada, por meio de três portarias publicadas ontem pelo Instituto Mineiro de Gestão das Águas (Igam).

Na prática, isso significa uma imposição imediata de redução do consumo do recurso e suspensão temporária da liberação de novas outorgas. A medida deverá impactar a produção industrial do Estado, impedir a instalação de novas empresas e poderá prejudicar os resultados financeiros da Companhia de Saneamento de Minas Gerais (Copasa).

A medida foi possível graças à publicação anterior de uma deliberação normativa que estabeleceu as diretrizes e critérios para a definição de situação crítica de água no Estado. Foram determinados três estágios de acordo com o nível dos reservatórios: o de atenção, de alerta e de restrição de uso.

Segundo as portarias publicadas ontem, nos três reservatórios há riscos acima de 70% de não atendimento aos usos de recursos hídricos até o fim do período seco. Esse é o limite para se entrar no terceiro estágio, ou seja, o de restrição de uso. Por isso, o próximo passo é a redução no volume de captação dos rios.

A redução será da ordem de 20% para o consumo humano, dessedentação animal ou abastecimento público; 25% para irrigação; 30% para o consumo industrial e agroindustrial; e 50% para as demais finalidades.

"Decretar o estado de escassez é necessário porque permite a tomada de medidas mais drásticas para garantir o abastecimento durante o período seco", afirma o deputado que preside a Comissão Extraordinária das Águas na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, Iran Barbosa (PMDB). Ele explica que, caso já houvessem sido estabelecidas as diretrizes antes, esses reservatórios já estariam há pelo menos dois meses nessa situação.

As justificativas dadas pelo Igam para a tomada de atitude foram: diminuição das precipitações, conflito entre demanda e disponibilidade hídrica, risco de desabastecimento da RMBH e necessidade de tomada de ação diante do quadro instalado, dentre outras.

Além da restrição de consumo por outorgas presentes nas bacias em estado de escassez, as portarias definem suspensão temporária da emissão de novas outorgas de uso dos recursos hídricos. Essa medida impede a instalação de empresas no entorno das bacias, uma vez que sem água não é possível iniciar um empreendimento.

Impacto variável - O gerente de meio ambiente da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg), Wagner Costa, explica que não só as novas outorgas impactarão o setor industrial no Estado. A própria restrição de 30% de uso dos recursos hídricos deverão ocasionar uma redução na produção das empresas.

"O impacto vai ser bem variável na cadeia, dependendo da necessidade de utilização de água de cada segmento. As empresas terão que adequar seus processos produtivos à nova realidade.

E isso tem um custo", afirma. Ele explica que o primeiro passo seria a verificação de uma fonte alternativa de água e o quanto essa estratégia impactaria no preço do produto. Caso não valha a pena, a saída é diminuir a produção temporariamente com reflexos, inclusive, no quadro de profissionais contratados.

Para Costa, deveria ser levado em consideração o esforço de algumas empresas em reduzir a utilização de água antes da medida. Nos casos em que forem comprovados efeitos positivos nos últimos meses, o percentual de limitação deveria ser menor que os 30%.

Captação - Em nota, a Copasa disse apenas que vem reduzindo a captação de água diariamente no Sistema Paraopeba, atendendo à determinação do Igam. A empresa nega que haverá qualquer tipo de impacto no abastecimento e garante que medidas como racionamento ou rodízio só serão tomadas em caso de extrema necessidade.

Apesar de a empresa não estimar impactos financeiros, já é esperado pelo mercado uma retração no caixa da companhia. Em decorrência da redução de consumo, a empresa já havia fechado o ano de 2014 com uma queda de 24,2% no lucro líquido frente a 2013, ao ficar com R\$ 318,1 milhões.

Para 2015, até o plano de investimentos da companhia foi revisto para baixo e nem mesmo demissões são descartadas, conforme disse durante a divulgação dos resultados o diretor financeiro e de Relações com os Investidores, Edson Machado Monteiro. Em nota direcionada ao mercado nesta semana, a companhia revelou ter reduzido em 11,7% o volume faturado de água no mês de março.

Outorgas com restrições

Rio Manso:

AVG Mineração S/A

Copasa

Irmãos Silva Comercial Ltda

ArcelorMittal Mineração Serra Azul

Mineração Usiminas

Orica Serviços de Mineração Ltda

MBL - Materiais Básicos Ltda
Minerita Minérios Itaúna Ltda

Ferrous Resources do Brasil

José Carlos Ribeiro Resende Alves

Companhia de Mineração Serra Azul (Comisa)

Serra Azul:

Geraldo Henriques Marinho

Condomínio Fazenda Solar

Luiz Ferreira Lima

Márcio Vicente de Freitas Araújo

Copasa

Vargem das Flores:

Construtora Martins Lanna Ltda

Copasa

MBV - Mineração Bela Vista Ltda

ArcelorMittal vai investir US\$ 20 milhões em centro de P&D

10/04/2015 - Fonte: Exame

O Grupo ArcelorMittal deve iniciar em abril as atividades de um centro de pesquisas e desenvolvimento (P&D) na sua unidade de Tubarão, no Espírito Santo. Com um investimento de US\$ 20 milhões em cinco anos (2015-2019), o centro terá como objetivo atender às demandas das unidades de aços planos e longos da América do Sul em três

áreas: desenvolvimento de produtos, desenvolvimento de processos e atendimento a clientes.

O foco serão as inovações para as indústrias automotiva, máquinas e equipamentos, de energia (oleodutos e gasodutos, estruturas off-shore, torres eólicas), construção civil e eletrodomésticos.

O novo centro, que é o 12º centro de pesquisas e desenvolvimento da empresa no mundo, utilizará a estrutura civil e laboratorial já existente na unidade do Espírito Santo, até que o projeto final seja definido.

Está prevista a aquisição de equipamentos e modelos de simulação, caracterização e análise a fim de complementar a estrutura atual. Segundo a empresa, cerca de 30 pesquisadores e técnicos do Brasil serão contratados nos próximos dois anos.

Outros, vindos de centros de pesquisa da ArcelorMittal na Europa e Estados Unidos, também se juntarão à equipe para projetos especiais. O trabalho a ser realizado no Brasil será complementar aos centros de P&D já existentes no grupo.

"O centro de pesquisas brasileiro tem por objetivo garantir competitividade e agregar ainda mais valor aos nossos produtos, agilizando a implantação no Brasil das inovações e soluções do grupo ArcelorMittal, desenvolvendo processos mais limpos e ampliando o atendimento e assistência técnica aos clientes", afirma, em nota, o gerente do Centro de Pesquisa. Charles Martins.

"O Brasil e demais países da América do Sul são mercados importantes, com perspectivas de crescimento no longo prazo", completa.

Em 2014, o grupo ArcelorMittal investiu US\$ 260 milhões em pesquisa e desenvolvimento, sendo 57% para produtos, 37% para processos e 6% em análises exploratórias.

Taxa de desemprego fica em 7,4% no trimestre encerrado em fevereiro

10/04/2015 - Fonte: O Globo

A taxa de desemprego ficou em 7,4% no trimestre encerrado em fevereiro de 2015, segundo dados divulgados nesta quinta-feira (9) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ([IBGE](#)). O período considera os dados de dezembro de 2014 e janeiro e fevereiro de 2015.

A taxa é a maior desde o período de março a maio de 2013. No mesmo trimestre do ano anterior, a desocupação havia ficado em 6,8%. O índice também ficou acima do registrado no trimestre encerrado em novembro de 2014 (6,5%).

"A pressão do mercado para o lado da procura está muito mais forte, e o que aconteceu? A taxa tem esse salto. Em um ano, a taxa subiu de 6,8% para 7,4%. Num período recente, a taxa de desocupação se mostra em elevação.

E isso é sazonal, é comum acontecer, a taxa de desocupação subir em janeiro, fevereiro e março", disse Cimar Azeredo, coordenador de trabalho e rendimento do IBGE.

Os dados fazem parte da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua, que substituirá a tradicional Pnad anual e a Pesquisa Mensal de Emprego (PME) e passa agora a ser divulgada mensalmente. A Pnad abrange 70.464 municípios.

EVOLUÇÃO DO DESEMPREGO

No período de dezembro a fevereiro, o IBGE estimou que havia 7,4 milhões de pessoas desocupadas no país. No trimestre anterior, de setembro a novembro, o número era menor, de 6,5 milhões.

Já o número de ocupados foi estimado em 92,3 milhões. No confronto com o trimestre de setembro a novembro, esse número teve redução de 0,4%.

"O número de pessoas que estão fora da força de trabalho aumentou. Então, cresce a população ocupada, a desocupada e está crescendo também a população fora da força... A desocupação pode ser ainda mais do que ela é, porque ela pode estar por trás dessa população.

É uma população que a gente tem que entender por que ela está desalentada", afirmou Cimar Azeredo, que acrescentou que, a partir do dia 7 de maio, a Pnad terá divulgação completa.

A força de trabalho, segundo o IBGE, é composta por pessoas ocupadas e as desocupadas, que estão em busca de emprego. Fora da força estão as pessoas com 14 anos ou mais que não procuram trabalho.

O indicador de desemprego de fevereiro calculado pela Pesquisa Mensal de Emprego (PME) e divulgado no final do mês anterior ficou em 5,9%.



"No período mais curto, você já consegue ver claramente [que o mercado está desacelerado], embora nós estivéssemos trabalhando com trimestres móveis (...) comparando com o que foi divulgado com fevereiro, que foi divulgado em janeiro, já mostra uma desaceleração, uma queda na população ocupada, e essa queda acaba atuando principalmente na massa de rendimento, ou seja, o total de dinheiro circulando no mercado em função de renda de trabalho, ele está menor. E está menor não porque caiu o rendimento, está menor porque o número de pessoas ocupadas está menor", concluiu.

Salários

O rendimento médio real chegou a R\$ 1.817 – valor 1,1% acima do registrado no trimestre encerrado em fevereiro do ano anterior (R\$ 1.798). Frente ao trimestre encerrado em novembro, o aumento foi de 1,3%.

A massa de rendimento real recebida em todos os trabalhos cresceu 2,2% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior e atingiu R\$ 162 bilhões. Em relação ao trimestre encerrado em novembro, o aumento foi de 0,7%.

"A gente tem nesse período uma presença, uma saída nos meses de janeiro e fevereiro do trabalhador temporário. Ele ganha menos, e quando ele sai do mercado, isso pode estar influenciando", disse Azeredo.

"Outro ponto que pode estar acontecendo é uma perda de pessoas de baixa renda. E essa população saindo do mercado, faz a renda subir. Então, você tem perda de postos de trabalho, mais perda de pessoa de baixa renda, e isso estaria afetando o rendimento."

Nível de ocupação

Segundo o IBGE, o nível de ocupação foi estimado em 56,4%, apresentando retração de 0,5 ponto percentual em relação ao trimestre de setembro a novembro de 2014. Em um ano, o nível caiu 0,6 ponto percentual. O nível de ocupação é a proporção entre pessoas ocupadas e pessoas com idade de trabalhar (14 anos ou mais).

"O nível de ocupação tem esse feito da queda e é simplesmente por isso: está entrando mais gente no mercado do que está entrando gente ocupada. Geração de posto de trabalho está aquém do crescimento vegetativo. Ou seja, a cidade está ficando com mais população, mas o número de pessoas trabalhando nela não está crescendo no mesmo ritmo".

De acordo com Cimar Azeredo, foram gerados, em um ano, 818 mil postos de trabalho. No trimestre terminado em fevereiro, foram 92.305.

Bovespa opera em alta no fim da semana

10/04/2015 - Fonte: O Globo

A Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) fecha a semana operando em alta no início do pregão desta sexta-feira (10). Às 10h20, o principal índice de ações da bolsa subia 0,1%, aos 53.858 pontos. [Veja a cotação](#)

Em dia instável, a Bovespa fechou em alta nesta quinta-feira (9), puxada pela forte alta das ações da Petrobras, em meio a expectativas com o balanço e cobertura de posições. A alta foi contida, porém, pelo anúncio de que a agência Fitch Ratings reduziu a perspectiva da classificação de risco do país para "negativa".

O Ibovespa subiu 0,26%, a 53.802 pontos. É o maior nível desde 28 de novembro do ano passado.

Inflação corrói ganhos da poupança; veja dicas para proteger seu dinheiro

10/04/2015 - Fonte: O Globo

Quem investe na poupança perdeu dinheiro no primeiro trimestre de 2015. O rendimento da caderneta encolheu 2,07% frente à inflação neste período, segundo cálculo feito pelo coordenador da Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac), Miguel Oliveira.

Enquanto a aplicação mais popular do país rendeu 1,72% entre janeiro e março, a inflação oficial medida pelo IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo) avançou 3,83%. É o quarto mês seguido em que a alta dos preços corrói os ganhos da caderneta.

Na opinião do educador financeiro André Massaro, a poupança está cada vez menos atrativa. "Existem opções muito mais interessantes que a poupança, com um nível de segurança igual ou maior. Está difícil 'defender' a velha e boa caderneta neste momento",

diz.

Em março, a poupança registrou a maior fuga de recursos da série histórica, iniciada em janeiro de 1995, e bateu um novo recorde negativo pelo terceiro mês seguido. A aplicação teve saída líquida (número de retiradas menos depósitos) de R\$ 11,43 bilhões, de acordo com dados do Banco Central.

A poupança rende 0,5% ao mês mais a taxa referencial (TR) – que é usada como referência no rendimento de vários investimentos – desde março de 2012. Nos últimos doze meses, a poupança rendeu 7,01%, enquanto a inflação foi de 8,13%, uma perda real de 1,05% para o poupador.

Diversificar investimentos é saída

Em tempos de inflação alta, o consultor financeiro Maurício Galhardo recomenda que o poupador nunca coloque todos os ovos na mesma cesta. Ou seja, diversifique seus investimentos. “A inflação, por mais que prejudique o rendimento de algumas aplicações, pode melhorar os rendimentos de outras”, lembra. Para Massaro, investimentos em renda fixa pré-fixada (com a rentabilidade definida no momento da compra) costumam ser os mais prejudicados quando os preços sobem demais.

“Alta de inflação é quase um sinônimo de alta dos juros (o governo sobe os juros para tentar desacelerar a inflação), e quando os juros sobem, os títulos prefixados sofrem”, explica. Para quem espera inflação mais alta nos próximos meses, investir em fundos pós-fixados (com rentabilidade que varia) é o melhor caminho, na opinião de Galhardo.

Nestes casos, lembra o especialista, algum índice econômico – que de alguma forma reflete os impactos da inflação, como o IGP-M, IPC-A e outros – estarão atrelados ao investimento e gerarão maior rendimento.

“Outra alternativa é investir em fundos cambiais, visto que o aumento da inflação tende a desvalorizar nossa moeda (real), gerando maior valor ao dólar ou outra moeda estrangeira”, sugere. O dólar acumula, desde o começo do ano, alta de quase 15%.

As maiores ferramentas de proteção contra a inflação alta, segundo Massaro, são os títulos de renda fixa indexados à inflação, como o “Tesouro IPCA” (nova nomenclatura da antiga NTN-B, do Tesouro Direto) e alguns títulos privados, como debêntures.

“Além desses, os imóveis para aluguel (com contratos reajustados anualmente) e ações de algumas empresas, especialmente no setor de consumo e que podem repassar a inflação nos preços de seus produtos, são as melhores opções de proteção”, diz o educador financeiro.

Poupança ainda pode ser atrativa no curto prazo

A caderneta é recomendada, especialmente, para a formação de uma reserva de emergência, por sua alta liquidez (possibilidade de resgatar o dinheiro a qualquer momento). Os especialistas sugerem que esta reserva deva ser do valor entre três a seis salários líquidos da família.

A poupança é um investimento interessante para quem quer adquirir a cultura de investir (quem é iniciante) ou para quem tem expectativa de utilizar o valor investido num prazo curto de tempo – até 6 meses, explica Galhardo.

“Para quem já possui valores maiores do que R\$ 20 mil e tem objetivos para maior prazo, vale pesquisar outras alternativas de investimento, que certamente proporcionarão maior rendimento neste momento”, sugere.

Receita da Vale com exportação cai 50%

10/04/2015 - Fonte: Diário do Comércio

A queda nos preços internacionais de algumas *commodities* minerais - principalmente o minério de ferro - vem resultando em queda significativa na receita das maiores empresas exportadoras de Minas Gerais.

Somente a Vale registrou queda de 50,76% na movimentação financeira com as vendas externas a partir do Estado no primeiro trimestre na comparação com o mesmo intervalo do ano passado. Os dados são do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic).

A mineradora é a principal exportadora de Minas e movimentou US\$ 1,345 bilhão com embarques entre janeiro e março. No mesmo intervalo do ano passado, as vendas da companhia somaram US\$ 2,732 bilhões.

Com a retração na receita, a participação da Vale na pauta de exportações de Minas Gerais caiu no período. No primeiro trimestre, a empresa foi responsável por 23,43% dos embarques mineiros, contra 37,49% no mesmo intervalo de 2014.

A mineradora é afetada pela desvalorização do minério de ferro no mercado internacional. O insumo siderúrgico, que chegou a ser negociado por aproximadamente US\$ 135 a tonelada no início do ano passado, atualmente é vendido por menos de US\$ 50 no mercado *spot* (à vista) da China. A queda é resultado da perda de ritmo da economia do país asiático e da sobreoferta no mercado transoceânico.

Em segundo lugar no *ranking* das empresas exportadoras, a Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração (CBMM) registrou queda de 1,53% na receita com as exportações no primeiro trimestre ante igual intervalo de 2014.

Os embarques do ferronióbio produzido em Araxá, no Alto Paranaíba, movimentaram US\$ 444,026 milhões entre janeiro e março, contra US\$ 450,937 milhões no mesmo período do exercício passado.

Outro destaque negativo entre as maiores exportadoras do Estado é a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). A empresa que detém ativos minerários em Congonhas, no Campos das Vertentes, movimentou US\$ 211,230 milhões com as vendas externas a partir de Minas Gerais. O montante é 43,89% inferior ao verificado no acumulado do ano até março de 2014.

Contabilizadas no Espírito Santo, as exportações da Samarco Mineração S/A, *joint venture* entre a BHP Billiton e a Vale, caíram 8,7% nos primeiros três meses de 2015, contra o mesmo intervalo do ano passado. A receita com as vendas externas passou de US\$ 707,879 milhões para US\$ 645,787 milhões.

A extração do minério de ferro da Samarco é realizado em seu complexo minerário em Mariana, na região Central do Estado. O insumo é transportado por mineroduto até litoral capixaba, onde estão as pelotizadoras da empresa.

Café - Por outro lado, a Cooperativa Regional de Cafeicultores em Guaxupé (Cooxupé), no Sul de Minas, mais que dobrou a receita com as exportações no primeiro trimestre. Os

embarques de café movimentaram US\$ 211,981 milhões entre janeiro e março. O valor é 125,66% superior ao registrado no primeiro trimestre do exercício passado, quando totalizou US\$ 93,938 milhões, conforme as informações do ministério.

Apenas 20% das micros e pequenas empresas elevaram faturamento

10/04/2015 - Fonte: Diário do Comércio

Os micros e pequenos empresários da indústria estão preocupados com a economia e a situação do negócio. Isto é o que revela a pesquisa Indicador de Atividade da Micro e Pequena Indústria de São Paulo, do Sindicato da Micro e Pequena Indústria do Estado de São Paulo (Simpí).

Apenas 20% esperam melhora no faturamento em abril. Por isso, 28% pretendem demitir neste mês, maior percentual da série histórica, iniciada em março de 2013. Segundo o levantamento, que conta com 307 entrevistados, 43% consideraram o faturamento ruim ou péssimo em março, recorde da série histórica. O lucro do mês passado também foi alvo de reclamações de 47% do universo.

Ao avaliar o quadro atual da empresa atual, 44% dos entrevistados não acreditam em mudanças. Outros 33% esperam melhorias.

Sobre o capital de giro em março, 30% dos microempresários avaliaram que o valor foi insuficiente. Para as pequenas empresas, 35% reclamaram que faltou esse tipo de recurso. A inflação em geral também foi problema. Isso porque 58% das respostas apontam para alta no custo da produção em março.

Empresários estão insatisfeitos com mudanças em vigor do Supersimples

10/04/2015 - Fonte: Diário do Comércio

Mesmo com as mudanças, o Simples Nacional ainda causa insatisfação. Além de que continua vantajoso apenas para quem tem muitos funcionários. É o que apontam especialistas entrevistados pelo DCI.

De acordo com o estudo do Sindicato das Empresas de Serviços Contábeis do Estado de São Paulo (Sescon-SP), 57% dos oito mil empresários consultados (associados e filiados) defendem a ampliação dos tetos de faturamento e a revisão das faixas para aplicação das alíquotas, medida não incluída no pacote aprovado pelo governo.

Isto, na avaliação do sindicato, demonstra essa insatisfação com o regime simplificado de tributação. "A conclusão é que as mudanças feitas [universalização dos setores que podem optar pelo Simples], apesar de positivas, já foram defasadas e que mais precisa ser feito", entende Sérgio Approbato Machado Júnior, presidente do Sescon-SP.

O gerente de tributos da Wolters kluwer Prosoft, Danilo Lollo, explica que a maior dificuldade encontrada com as regras atualizadas - que entraram em vigor neste ano - diz respeito ao anexo 6, onde estão a maioria dos setores que agora podem optar pelo Simples.

"Há casos em que a empresa pagava 19% no lucro presumido e agora paga 22%. Ou seja, houve um aumento de carga tributária. Se isso compensa, vai depender se o negócio tem muitos funcionários, já que a contribuição de 20% [sobre a folha] está dentro da taxa do Simples", aponta.

Para Lollo, além disso, criou-se um conflito entre os escritórios de contabilidade e os contribuintes, isto porque aos primeiros, a opção pelo Simples é melhor pois reduz a burocracia - necessidade de um documento para a declaração de impostos. E às empresas, a carga pode ter aumentado, o que não compensa. "Por isso, o ideal é fazer conta, mesmo agora, para verificar se vale a pena permanecer no regime ou não", orienta.

Expectativas

Por outro lado, Machado Júnior acredita que esse percentual de insatisfeitos registrado pela pesquisa do sindicato deve ficar estável à medida que novas alterações, prometidas por Dilma Rousseff, sejam aprovadas.

"O problema é que o perfil político do País mudou. O Congresso tem criado dificuldade para aprovar qualquer projeto do governo. Mas assim que os ajustes fiscais passarem, é possível que as alterações no Simples voltem a ganhar destaque", prevê.

Segundo Valdir Pietrobon, diretor político parlamentar da Federação Nacional das Empresas de Serviços Contábeis e das Empresas de Assessoramento, Perícias, Informações e Pesquisas (Fenacon), é provável que novidades nesse sentido sejam divulgadas somente em meados do segundo semestre deste ano.

Pietrobon comenta que há muito a ser discutido já que que tanto entidades como a Fenacon, como o governo federal, também ficaram insatisfeitos com os resultados do estudo elaborado pela Fundação Getulio Vargas (FGV) sobre quais seriam as próximas mudanças a serem feitas no regime simplificado de tributação, como criar um sistema de cobrança intermediário para quem ultrapassar o limite de faturamento para poder optar pelo Simples, ou até mesmo como ampliar esse teto.

"Não há nada claro sobre o que será feito, por enquanto. Só depois que for aprovado os ajustes fiscais, o que deve ocorrer em maio, é que o assunto será retomado, para que vire projeto de lei [complementar]", disse.

Contudo, o presidente do Sescon-SP está otimista que haverá alterações neste ano para entrar em vigor em 2016, sendo algumas delas justamente as revisões do limite e das tabelas ou anexos.

Para baixa renda

Até que o regime seja atualizado, a Serasa Experian informa que os microempreendedores especificamente de baixa renda - que mais sofrem com o acesso a profissionais - podem contar com o projeto Saúde Financeira, em parceria com a Aliança Empreendedora (na Grande São Paulo) e o Tamo Junto, plataforma on-line e gratuita que oferece conteúdo (fora da região) para lidar com suas finanças.

Em São Paulo, o projeto está ativo há um ano e beneficiou 69 microempreendimentos individuais e grupos produtivos, conforme a Serasa.



Mercado vê futuro incerto para a Usiminas

10/04/2015 - Fonte: Diário do Comércio

A eleição de um novo presidente do Conselho de Administração da Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais (Usiminas), o advogado Marcelo Gasparino, por escolha dos acionistas minoritários, deve manter, por um período indeterminado, o impasse na gestão da siderúrgica instalado desde que os acionistas majoritários começaram a brigar, há cerca de um ano.

Analistas de mercado ouvidos pela reportagem avaliam que a disputa de poder entre os majoritários - os ítalo-argentinos da Ternium e os japoneses da Nippon Steel - deve se arrastar por um bom tempo na Justiça, prejudicando a estratégia da empresa.

Como não houve nome de consenso entre eles para assumir a presidência do conselho no lugar de Paulo Penido, os minoritários aproveitaram a brecha para eleger Gasparino, que já era representante desses sócios no conselho e é mais ligado aos japoneses da Nippon Steel.

"As brigas entre os acionistas controladores devem continuar prejudicando a gestão da empresa, mesmo com a eleição de um novo presidente do conselho. Além disso, o setor siderúrgico está num momento ruim.

A indústria automobilística, para quem a Usiminas vende aços planos, prevê queda de 10% na produção. O setor de linha branca também não vai bem, o que deve prejudicar o desempenho da empresa", diz a analista do setor siderúrgico da corretora Concórdia Daniela Martins.

Para o analista da Ativa Investimentos Lenon Borges, o mercado esperava uma solução para o impasse entre os controladores, num momento em que a indústria siderúrgica amarga queda de vendas.

Segundo ele, 30% da receita da Usiminas vem da venda de aços planos para a indústria automobilística, que está em retração desde o ano passado. Com isso, o preço do produto está em queda. Com o real mais fraco, a Usiminas está exportando parte da produção, mas nada que resolva a situação da empresa.

"O impasse entre os controladores deve continuar, mas pelo menos a questão legal no conselho, com a escolha do presidente e o preenchimento do assento vago, foi resolvido. Agora se espera que as demais questões se resolvam na Justiça, já que a possibilidade da saída de um dos controladores fica mais difícil no atual cenário ruim para o setor", diz Borges.

Estratégia - Na avaliação de Roberto Indech, analista da corretora Rico, apesar de Parisotto e Gasparino serem bastante competentes, eles não eram os nomes de consenso dos acionistas controladores. Por isso, o prognóstico não é favorável para a gestão da empresa no curto prazo. Para Indech, a briga dos majoritários deve continuar prejudicando a estratégia da empresa.

"O imbróglio entre os controladores ainda deve se arrastar. Há também o fato de a CSN, maior acionista individual fora do bloco de controle não poder participar da eleição do conselho. Isso sem falar no cenário ruim para a siderurgia, considerando que 90% das receitas da Usiminas são provenientes do mercado interno", explica Indech.

Em assembleia extraordinária convocada pelos acionistas minoritários, na segunda-feira passada, foi eleito o advogado Marcelo Gasparino para a presidência do Conselho de

Administração da Usiminas. O bilionário Lírío Parisotto assume o assento que estava vago no conselho.

Gasparino foi indicação do próprio Parisotto e está mais alinhado aos interesses da Nippon Steel. A Ternium questionou a validade da eleição de Gasparino, já que ele teve apoio decisivo da minoritária Sankyu, empresa japonesa que tem entre seus controladores a Nippon Steel.

Sem consenso - Como não tinham um nome de consenso para a presidência, os votos dos controladores majoritários, que equivalem a 380 milhões de ações, foram considerados como "abstenção". Parisotto foi eleito com 22 milhões de votos para o conselho.

A Ternium deverá "buscar medidas legais cabíveis voltadas às inúmeras ilegalidades praticadas na eleição do Conselho de Administração", segundo consta na ata da assembleia.

Pela primeira vez desde o início das operações da Usiminas, em 1962, os acionistas que controlam a siderúrgica não elegeram o chairman. Paulo Penido, que vinha ocupando a presidência do conselho, acabou se tornando o principal ponto de discórdia entre os sócios majoritários, já que na avaliação da Ternium ele violou o acordo de acionistas, que resultou na destituição do presidente e de dois executivos da diretoria da Usiminas, no ano passado.

CSN propõe incorporação de unidade cimentos para cortar custos

10/04/2015 - Fonte: Reuters

A Companhia Siderúrgica Nacional vai propor a seus acionistas a incorporação da controlada integral CSN Cimentos a partir de maio, informou o grupo nesta quinta-feira.

"A incorporação, que terá seus efeitos apenas a partir de 1o de maio, se for aprovada, acarretará a otimização dos processos e maximização dos resultados, concentrando numa única estrutura organizacional todas atividades comerciais e administrativas das duas sociedades", afirmou a CSN em comunicado ao mercado.

Segundo a CSN, a incorporação vai resultar em "significativa economia de escala", mas não deu detalhes. A CSN afirmou que o patrimônio líquido da Cimentos apurado pela consultoria Apsis é de 1,1 bilhão de reais. A incorporação deve gerar custos total de 1,7 milhão de reais.

Preço cai, piora estimativas e vale preocupa mercado

10/04/2015 - Fonte: Valor Econômico

A desvalorização do minério de ferro para níveis que o mercado não acreditava antes iniciou uma rodada de cortes de projeções. Alguns analistas ainda revisam seus cálculos, mas a média de estimativas coletadas pelo Valor é de cotação média de US\$ 56,60 por tonelada neste ano.

As instituições mais pessimistas dentre as nove consultadas, Credit Suisse e Lopes Filho, apostam em US\$ 51 a tonelada. Foram coletadas também previsões de Bank of America Merrill Lynch (BofA), BB Investimentos, Commonwealth Bank of Australia (CBA), Fitch, Goldman Sachs, Itaú BBA e Tendências Consultoria.

Em relatório divulgado ontem, os analistas Ivano Westin e Renan Criscio, do Credit, disseram que entre o início do segundo semestre e o fim da primeira metade do ano que

vem, a média dos preços deve ficar em US\$ 45 por tonelada. O patamar se aproxima perigosamente do custo marginal de produção do insumo no mundo, que gira em torno de US\$ 43 a tonelada.

"A queda livre no mercado começou a fazer vítimas ao redor do mundo e iniciou um processo longo e doloroso para as mineradoras", comenta a dupla de analistas. "O caixa será crucial para determinar por quanto tempo as empresas mantêm a operação, mas em último caso as financeiras podem ser determinantes em até quando as companhias sobrevivem", acrescentam.

No pior cenário possível para o banco, os preços chegariam a US\$ 35 por tonelada durante o segundo semestre. Por outro lado, há a possibilidade de esse patamar ficar em US\$ 60 por tonelada segundo os cálculos mais positivos.

Nesta semana em que se iniciou a rodada de cortes, ironicamente, o minério se recupera. Só ontem, os preços do insumo com teor de 62% de ferro negociado no porto de Tianjin, na China, subiram 0,8%, para US\$ 48,30 a tonelada, segundo a "The Steel Index". Na semana, a alta já é de 3,4%, mas no ano a desvalorização atinge 32%.

A expectativa é que a chegada do minério de melhor qualidade no mercado derrube os custos e ajude a diminuir o sacrifício de rentabilidade, em um período que o Credit chama de "época das margens magras". Mas as instituições começam a demonstrar maior preocupação com as empresas, por conta do período mais longo de deterioração.

A agência de risco Fitch discutiu ontem pela primeira vez se a Vale, maior produtora do mundo, pode quebrar cláusulas de alguns financiamentos que impõem teto para seu endividamento, os chamados "covenants".

A perspectiva da instituição é que os preços fiquem em US\$ 65 por tonelada em 2015, mas com a baixa nas últimas semanas, foi desenhado cenário em que a cotação fique em US\$ 50.

De acordo com a Fitch, nesse patamar a companhia não deve estourar os limites, que valem apenas para 20% da sua dívida, contratada com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e outras agências de exportação.

Os "covenants" fixam o máximo de alavancagem em 4,5 vezes no índice que relaciona dívida bruta e resultado antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês), excluindo gastos com o Refis.

A quebra ocorreria, na opinião da agência, caso os preços fiquem, na média, abaixo de US\$ 50. Mesmo assim, a Vale teria alternativas para sanar as finanças, diz relatório. A sorte da empresa é o banco de fomento carregar a maior parte das obrigações: nesse caso, negociar um perdão seria muito mais fácil.

Com vendas de ativos, possibilidade de reduzir os investimentos em 2015 e até chance de cortar os dividendos especiais prometidos para o ano pela metade, o restante do endividamento com limites de alavancagem - US\$ 2,6 bilhões, sendo US\$ 5,1 bilhões com BNDES e agências - poderia ser amortizado.

O Bofa também divulgou alerta em que sua equipe de mineração calcula em cerca de US\$ 50 bilhões a necessidade de recursos para as maiores mineradoras equilibrarem as finanças.

Os analistas creem que as anglo-australianas Rio Tinto e BHP Billiton, além da britânica Antofagasta, seriam as mais necessitadas de capital. Vale e Fortescue Metals Group aparecem no segundo escalão.

Quanto custa o gás natural rasil?

10/04/2015 - Fonte: Sistema Firjan



O Sistema FIRJAN defende o acesso aos insumos essenciais de produção em condições adequadas de qualidade, quantidade e preço como fator essencial para a competitividade da indústria e para o desenvolvimento econômico do Brasil.

Um desses insumos é o gás natural, que possui papel significativo no setor industrial. Dessa forma, este portal tem o objetivo de apresentar, de forma atualizada, simples e consolidada, quanto custa o gás natural canalizado para a indústria no Brasil – por distribuidora e por estado – além de comparações internacionais.

ACESSE O LINK:

<http://quantocustaogasnatural.com.br/>

Dólar abre em alta com investidor atento à reforma do ICMS

10/04/2015 - Fonte: Estado de S. Paulo

O dólar abriu em alta nesta sexta-feira, 10, dando continuidade ao avanço da véspera, quando interrompeu sete sessões consecutivas de queda. O ganho é sustentado pela recuperação da moeda norte-americana no exterior ante suas principais rivais. O mercado também monitora os desdobramentos da Operação Origem, a 11ª fase da Operação Lava Jato.

Às 11h15, a moeda americana avançava 0,33%, negociada a R\$ 3,078. Na abertura, a moeda foi negociada a R\$ 3,085, com alta de 0,55%. Na mesma faixa horária, o Ibovespa também avançava, registrando alta de 0,32%, cotado aos 53.975 pontos. Após abrir em baixa, conforme o esperado, a Bovespa registrou bastante volatilidade na primeira meia hora de pregão.

O sinal negativo foi reafirmado assim que as ações da Petrobrás passaram a cair, devolvendo parte dos fortes ganhos registrados na quinta-feira, 9. Entretanto, às 12h, as ações com direito a voto da estatal subiam 1,13%, cotadas a R\$ 11,67. As ações preferenciais avançavam 0,78%, negociadas a R\$ 11,65.

Os investidores também monitoram as negociações sobre a reforma do ICMS na reunião do Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz), que tem a presença do ministro da Fazenda, Joaquim Levy, em Goiânia.

O resultado das discussões pode provocar ajustes nos mercados. Além do resultado efetivo do encontro, os mercados domésticos podem reagir a eventuais declarações do ministro reforçando uma mudança de postura na área econômica do governo.

A reunião do Confaz, que terá a presença de um ministro da Fazenda pela primeira vez em 15 anos, estava programada para começar às 9h. Na quinta-feira, 9, Levy disse que destravar a questão do ICMS é de interesse de todos os Estados e que está aberto a conversar.

No encontro desta sexta-feira, 10, o ministro deve tentar obter um consenso para a redução e a unificação das alíquotas do imposto, a convalidação dos benefícios fiscais existentes e a criação de fundos compensatórios em torno do tributo.

O ministro teria sinalizado a secretários de Fazenda dos Estados que poderá oferecer um fundo de R\$ 3 bilhões em compensação já em 2016, valor que crescerá anualmente até chegar a R\$ 13 bilhões em oito anos, segundo apurou o Broadcast, da *Agência Estado*. Além disso, teria acenado com a possibilidade de vincular constitucionalmente as receitas do fundo de desenvolvimento.

China cortará imposto sobre minério de ferro em novo golpe para preços já fracos

10/04/2015 - Fonte: Valor Econômico

A China se movimenta para apoiar sua indústria de minério de ferro, que enfrenta dificuldades, cortando impostos, potencialmente ampliando um excesso de oferta global e enfraquecendo a estratégia das mega mineradoras de forçar concorrentes de alto custo para fora do mercado.

A mineradora brasileira Vale e as australianas Rio Tinto e BHP Billiton têm buscado forçar a saída das mineradoras com custos mais altos e menos eficientes na China, para abrir caminho para um novo fluxo de produção.

Porém, o gabinete da China disse na quarta-feira que cortará o imposto que cobra de produtoras domésticas de minério de ferro pela metade para 40 por cento da taxa básica a partir de 1o de maio, em uma tentativa de ajudar mineradoras que têm acumulado prejuízos em meio à queda dos preços globais.

"A oferta desse subsídio fiscal significa que as mineradoras chinesas continuarão a produzir. Se esse é o caso, a estratégia das três maiores fornecedoras de forçar a saída da oferta chinesa de alto custo do negócio não vai funcionar", disse a analista de mineração da Argonaut Securities Helen Lau.

O preço do minério de ferro vem caindo quase em queda livre há mais de dois anos, recuando 25 por cento apenas em fevereiro, atingindo menos de 50 dólares por tonelada nos últimos dias para seu menor nível desde que o The Steel Index começou a compilar os preços em 2008.

Brasil cai para 6º lugar no Ranking de vendas de veículos

10/04/2015 - Fonte: O Estado de S. Paulo

Com queda de 22,5% nos emplacamentos de automóveis e comerciais leves no primeiro bimestre de 2015, o Brasil caiu em fevereiro de quinto para sexto lugar no ranking dos maiores mercados automotivos do mundo em vendas elaborado pela consultoria especializada Jato Dynamics.

A China se manteve em primeiro lugar, com crescimento de 13,8% das vendas no período, seguida por Estados Unidos, que registrou alta de 9,1% nos emplacamentos. O Japão, por sua vez, ficou na terceira colocação, mesmo com a queda de 16,9% nas vendas no primeiro bimestre deste ano.

Em quarto lugar, ficou a Índia, que apresentou avanço de 4% nas vendas nos dois primeiros meses de 2015. Com alta de 4,7% nos emplacamentos no período, a Alemanha ultrapassou o Brasil e conquistou a quinta colocação. Nas duas últimas posições do ranking, ficaram Grã-Bretanha e Coreia do Sul.

O levantamento elaborado pela consultoria Jato Dynamics do Brasil contempla as vendas em 30 países dos cinco continentes e inclui apenas as vendas de automóveis e comerciais leves. A exceção é a China, em que são contabilizados apenas os carros de passeio.

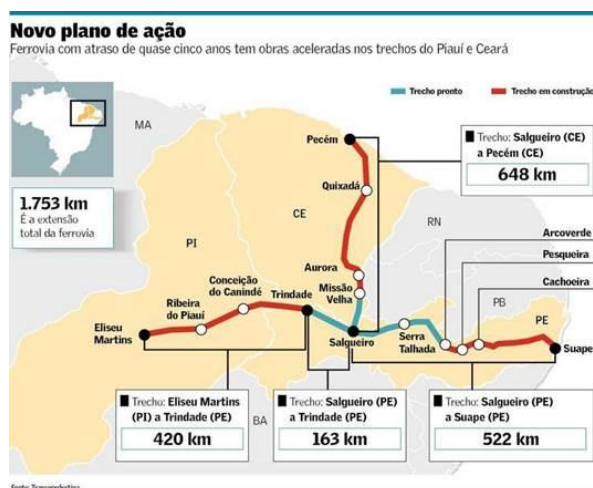
2014. Em 2014, quando a venda de autos e leves caiu 6,9%, o Brasil se manteve como o quarto maior mercado automotivo do mundo, mas passou a ter sua posição no ranking ameaçada pela Alemanha. Caso as previsões de queda de 10% nas vendas de algumas entidades do setor se confirmem, o País deve perder a posição em 2015.

O presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Luiz Moan, reconheceu nesta semana que a crise pela qual passa o setor automobilístico brasileiro, apesar de "pontual" e "conjuntural", pode provocar a queda do Brasil para quinto colocado no ranking mundial.

Na produção, o Brasil caiu de sétimo para oitavo maior mercado em 2014, segundo a Organização Internacional de Construtores de Automóveis (Oica). No ano passado, a fabricação total caiu 15,3%, fazendo com que o México passasse a liderar na América Latina como o maior fabricante do setor automotivo.

CSN tenta destravar a Transnordestina

10/04/2015 - Fonte: O Estado de S. Paulo



Ciro Gomes, ex-ministro da Integração do governo Lula, recebeu uma missão espinhosa do presidente da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), Benjamin Steinbruch: destravar e concluir, até o começo de 2017, as obras da ferrovia Transnordestina. O bilionário projeto, criado em 2005, enfrenta ainda uma série de problemas que travam sua execução - desde licenças ambientais, desapropriações até fluxo de capital. O atraso de entrega já caminha para cinco anos. O ex-presidente Lula pretendia inaugurar a ferrovia em 2010.

Com 1750 mil quilômetros de extensão, cortando os Estados do Piauí, Pernambuco e Ceará, chegando aos portos de Suape e Pecém, a obra foi inicialmente orçada em pouco mais de R\$ 4 bilhões. Saltou para R\$ 7,5 bilhões em setembro de 2013.

A valores corrigidos, hoje já atinge cerca de R\$ 9 bilhões. Estimativas da CSN, que tem 62% do capital da Transnordestina Logística, apontam que o montante de desembolso pode alcançar até R\$ 11 bilhões.

"Esse valor poderá ser menos que isso, como pode ir além. Mas estamos fazendo todos os esforços para ser menos, economizar", afirmou Gomes em entrevista ao Valor. "O Benjamin me disse que quer entregar essa obra no prazo que está definido, janeiro de 2017. Vou trabalhar para isso, mas o projeto não depende só de nós, há condições que não são nossas, da empresa".

Nomeado diretor da CSN e presidente da Transnordestina desde o início de fevereiro, depois de tomar pé de todas as questões que envolvem a ferrovia, Gomes informa que está no momento com 6 mil homens trabalhando na obra - 80% no trecho do Piauí, que vai de Trindade (PE) a Eliseu Martins (PI). E diz ter 1,1 mil máquinas em operação. Outra frente de obras está no trecho cearense, entre Missão Velha e Acopiara.

A meta da empresa é entregar o trecho do Piauí concluído no primeiro semestre de 2016. E a chegada aos portos de Pecém e Suape, ao mesmo tempo, em 2017. Mas, ressalta: "Se" as condições de dois pontos cruciais ocorrerem sem problemas: financiamento e agenda institucional ligada à obra.

Segundo o executivo, a Transnordestina, empresa dona da ferrovia, conta em caixa com R\$ 400 milhões, o suficiente para três a quatro meses de obras no ritmo de R\$ 100 milhões que vai fechar em abril. "Como 48% de toda a obra de infraestrutura está realizada, significaria mais 52 meses para completar (1% ao mês). Mas, posso mais que duplicar a velocidade, desembolsando R\$ 200 milhões por mês a partir de julho".

Todavia, admite, para isso acontecer, conta com o aporte de R\$ 1,6 bilhão - em atraso desde março - da BNDESPar, do Fundo de Desenvolvimento do Nordeste (FDNE) e da Valec, estatal federal de ferrovias. Todas são acionistas da Transnordestina. "Os entendimentos com todos estão em franco andamento", afirmou Gomes, que ontem receberia em São Paulo representantes da Valec.

Procurado, o Ministério dos Transportes, responsável pelo acompanhamento do cronograma de repasses de recursos e financiamentos federais para essa obra, informou, em nota, que "a construção da ferrovia Transnordestina é um empreendimento de responsabilidade da concessionária, que conta com diversas fontes em sua estrutura financeira". Dentre elas, apontou a Valec, o FDNE e o BNDES. "Este último participa com duas linhas de financiamento: uma para a concessão e outra diretamente ao acionista da concessão (CSN)".

A nota do ministério acrescenta que até o fim de 2014 as três fontes liberaram R\$ 4,5 bilhões, estando em tramitação valores referentes ao início de 2015. Tal liberação, disse, segue o rito administrativo de cada instituição envolvida para assegurar que todas as exigências sejam atendidas.

Se os sócios da CSN no empreendimento, conforme o plano acertado no fim de 2013, fizerem outro aporte previsto entre este mês e dezembro, de R\$ 1 bilhão, terá caixa que garante a não interrupção das frentes de trabalho, podendo cumprir o prazo. Mas, admite, com o orçamento do país só aprovado agora e as atuais condições da economia, a liberação de recursos pode ficar complicada.

Segundo Gomes, a CSN já pôs R\$ 2,4 bilhões na ferrovia - cuja taxa interna de retorno é 6,25% -, faltando só R\$ 65 milhões. "Fez porque tem sinergias com muitos negócios futuros na região".

Em quilometragem, a ferrovia tem 551 km prontos, a grande parte em Pernambuco. Admite que nesse trecho existe ainda algumas pendências, conforme apontamento da ANTT, agência reguladora do setor que fiscaliza a obra.

Gomes informa que mais 800 km, no momento, estão com frentes de obras em andamento, a cargo de várias construtoras. Paulista de Pindamonhangaba, mas com atuação política feita no Ceará, onde foi governador, além de prefeito de Fortaleza, foi destacado pela CSN por conhecer a obra desde suas origens, bem como pelo seu trânsito político em Brasília e no Nordeste, região que será beneficiada pela ferrovia. "Quando da criação da Transnordestina, por volta de 2005, como ministro [da Integração] fui coordenador do grupo interministerial que coordenou esse projeto".

A missão de Gomes é fazer a Transnordestina acontecer, buscando remover do caminho todos os entraves. Desde a execução propriamente dita da obra, em várias frentes de trabalho, até o relacionamento com todos os agentes envolvidos - governadores cearense, piauiense e pernambucano, mais de cem prefeitos e cerca de 20 instâncias do governo federal, como Casa Civil, ministérios de Transportes e Integração, Ibama, ANTT, Sudene, Tesouro, Valec e BNDES.

"Há vários conflitos e desinteligências. A ordem do Benjamin é limpar os caminhos dos trilhos".

Aos governos dos três Estados cabem fazer todas as desapropriações de imóveis em locais por onde passa o traçado da ferrovia. E há ainda muitas pendências a serem resolvidas nessa questão. "Já me reuni com o Camilo Santana (PT), do Ceará, e com o Wellington Dias (PT), do Piauí, que mostraram muita disposição". Já está na sua agenda um encontro também com o governador de Pernambuco, Paulo Câmara (PSB).

Desde que assumiu o cargo - o segundo na iniciativa privada em sua vida - Gomes diz que já correu a ferrovia e tomou pé da maior parte da situação.

"Fui lá, reestruturei a forma de execução da obra, dei prazos e pedi performances. Pago à vista". E informa que tomou uma série de outras medidas essenciais para a obra andar. Uma vantagem, diz, com o câmbio, é que todos os trilhos de aço já estão comprados e estocados.

Boa parte do atraso da obra - quase três anos -, disse Gomes, é decorrente da desavença com a construtora Odebrecht que fazia grande parte da ferrovia. Levou tempo até chegar a um acordo e deixou um saldo para a Transnordestina de 2.014 ações na Justiça que terão de ser renegociadas. "Esse contrato, peculiar, foi um acerto infeliz, que atravancou a obra".

Ele informou ainda que a CSN começa a prospectar futuros parceiros estratégicos (com permissão do poder concedente e dos sócios) que queiram entrar quando a obra estiver no estágio bem avançado.

Ao mesmo tempo, vai criar empresa ligada à Transnordestina, para operar um terminal no Porto de Pecém, no Ceará. E está aberto também para uma operação similar no porto de Suape.

Consumo de aço no País deve voltar ao patamar de 2007

10/04/2015 - Fonte: Usinagem Brasil

Capacidade x Demanda					
Consumo e Capacidade de Aço Bruto / Excedente de Capacidade Nacional					
	2010	2011	2012	2013	2014
A – Capacidade Instalada de Produção em Aço Bruto	44,6	47,8	48,4	48,4	48,8
B – Demanda Interna Prevista (em aço bruto equivalente)	29,0	27,8	28,0	29,4	27,4
C – Sobra de Capacidade em relação à demanda doméstica (A-B)	15,6	20,0	20,4	19,0	21,4
D – Sobra de Capacidade em relação à demanda doméstica (C/B)	54%	72%	73%	65%	78%

Unid: milhões de t

INSTITUTO AÇO BRASIL

O consumo aparente de aço no Brasil deve fechar o ano de 2015 com queda de 7,8% em relação a 2014, atingindo 22,7 milhões de toneladas, patamar próximo ao registrado em 2007. Estas previsões são do Instituto Aço Brasil que estima ainda que as vendas internas irão cair 8,0% este ano, para 19,1 milhões de toneladas.

As importações deverão atingir 3,7 milhões de toneladas, representando queda de 6,3%. Apesar das condições adversas do mercado internacional, as exportações deverão atingir 13,5 milhões de toneladas, representando 38,1% a mais do que no ano passado, basicamente face às remessas de semiacabados.

De acordo com a entidade, “estes números são reflexo da deterioração do cenário político-econômico nacional e da contínua perda de competitividade sistêmica que atinge a indústria brasileira do aço, assim como seus principais setores consumidores”.

Custo de energia elétrica, elevada carga tributária, custo do capital, cumulatividade de impostos e câmbio são alguns dos fatores que impactam a competitividade da indústria de transformação brasileira.

“Mantidas essas condições, as usinas brasileiras de aço continuarão a ter dificuldades na competição com importados e na exportação, fazendo com que permaneçam operando com baixo nível de utilização de sua capacidade instalada”, informa o IABr, em comunicado de imprensa para divulgar o 26º Congresso Brasileiro do Aço & ExpoAço, que será realizado de 12 a 14 de julho, no Transamerica ExpoCenter, em São Paulo.

Conforme a entidade, a mudança do atual cenário representa um grande desafio, devido às assimetrias competitivas e as questões conjunturais, como o fraco desempenho da economia do País e a existência de grande excedente de capacidade instalada de produção de aço no mundo, que subiu para 700 milhões de toneladas, segundo dados da Worldsteel Association.

Tecnologia processa minério de ferro pobre com pouca água

10/04/2015 - Fonte: Diário do Comércio

A crise hídrica e o baixo preço do minério de ferro criam oportunidades para novas tecnologias que dispensam o uso de água no beneficiamento do minério e conseguem tornar economicamente viáveis materiais mais pobres, antes considerados como rejeitos. A New Steel é uma das empresas que pode aproveitar essa chance.

"Nesse cenário [de preço] deprimido novas tecnologias conseguem achar espaço e se consolidar", diz Gustavo Emina, presidente da New Steel Soluções Sustentáveis ao jornal Valor Econômico.

A empresa, com sede no Rio, desenvolveu uma rota tecnológica para concentrar finos de minério de ferro do Quadrilátero Ferrífero, em Minas Gerais, em processos de beneficiamento a seco, sem o uso de água. A New Steel é a mais nova aposta da família Lorentzen, antigos controladores da Aracruz Celulose, atual Fibria.

Nascida em 2007, a New Steel passou a ser controlada pelos Lorentzen em 2012 por meio do Fundo de Investimento em Participações (FIP) Hankoe, ligado à família. O FIP Hankoe possui 67,53% do capital total da New Steel. O restante está em mãos de pessoas físicas por meio da GN da Barra Empreendimentos e Participações, com 23,46%, e da GEF Consultoria, de Emina, com 6,81%.

Mario Yamamoto, responsável pelo desenvolvimento da tecnologia, tem 2,21% da empresa. Entre as razões que levaram os Lorentzen a investir no negócio, estão aspectos de inovação e sustentabilidade da tecnologia da New Steel e o potencial de crescimento da empresa. A New Steel é uma prestadora de serviços para mineradores que atuam no Quadrilátero Ferrífero de Minas Gerais.

A estratégia da empresa consiste em assinar contratos de longo prazo com mineradores para beneficiar minérios friáveis, com teor abaixo de 50% de ferro. "Há milhões de toneladas de pilhas com esse teor no Quadrilátero Ferrífero", afirmou Emina.

A empresa também planeja inaugurar uma unidade experimental para concentrar minérios compactos, com teores abaixo de 40% e mais duros. A unidade será *flex*, podendo processar outros tipos de minério. O objetivo da New Steel é garantir produto final de alta qualidade, com 66% de teor de ferro.

"Pegamos o minério [de baixo teor], que é passivo ambiental, e montamos unidades para beneficiar o produto em contratos de 10 anos. Nos contratos com os clientes, 100% do Capex [investimento] é nosso", diz Emina. A meta é chegar a 2022 processando 20 milhões de toneladas de minério de ferro por ano.

Mesmo em um cenário de crise, quando as mineradoras estão adiando investimentos em expansões, a News Steel acredita que este pode ser um bom momento para ganhar espaço. "Com a tecnologia, somos mais eficientes, todo o investimento nas unidades de beneficiamento é nosso e acreditamos que, a partir de 2019 ou 2020, o preço voltará a subir".

Por enquanto, a New Steel tem contratos com empresas para implantar duas unidades de beneficiamento a seco de minério de ferro em Minas Gerais com capacidade total de 3 milhões de toneladas por ano.

As unidades estão em fase de licenciamento ambiental. Emina não informou os nomes dos clientes por razões de sigilo contratual. No modelo de negócio desenhado, a New Steel monta e opera a unidade para o cliente.

Emina disse que os processos tradicionais de beneficiamento de minérios finos no Quadrilátero Ferrífero utilizam água. O cálculo da New Steel é que a concentração dos finos do minério, que eleva o teor de ferro, exige mil litros de água por tonelada no processo de beneficiamento convencional.

"Hoje a tecnologia disponível no mercado para elevar o teor de partículas muito finas de minério de ferro é a flotação. Mas essa tecnologia, além do uso intensivo de água, não se sustenta economicamente no cenário de preços atual, tornando qualquer projeto inviável por demandar capital intensivo".

Ele afirmou que a tecnologia da New Steel se baseou no princípio de secar o minério usando ar. "O que movimenta nosso processo é o ar", afirmou. A tecnologia da empresa atua por meio da separação magnética a seco, utilizando gás natural ou biomassa e não gera rejeitos. A tecnologia separa magneticamente o ferro da sílica.

Emina disse que a tecnologia da New Steel, com depósito de patente feito em 28 países, já consegue separar partículas de minério de ferro milimétricas a seco, concentrando o minério compacto (com teor abaixo de 40%).

Um problema, porém, é que o custo da moagem do minério compacto é alto, afirmou. Em 2014, a New Steel assinou contrato de cooperação tecnológica com a alemã Loesche, especializada em moagem de diversos materiais. O objetivo foi acoplar o sistema da Loesche à tecnologia da New Steel para minérios compactos.

"Conseguimos operar abaixo do custo do sistema tradicional, de flotação", disse Emina. Ele afirmou que o custo para concentrar minério de ferro compacto, via flotação, fica entre US\$ 110 e US\$ 120 por tonelada. Já no beneficiamento a seco da New Steel o custo para concentrar o minério compacto fica, em geral, em US\$ 65 por tonelada, uma redução de cerca de 50%. As informações são do website Valor.